



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROSEMÁRIA DE JESUS SANTANA

NOTÍCIAS DA RESISTÊNCIA NEGRA EM SERGIPE
(1870-1888)

São Cristóvão

2015.2

ROSEMÁRIA DE JESUS SANTANA

**NOTÍCIAS DA RESISTÊNCIA NEGRA EM SERGIPE
(1870-1888)**

Artigo Científico apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão

2015.2

NOTÍCIAS DA RESISTÊNCIA NEGRA EM SERGIPE (1870-1888)

Rosemária de Jesus Santana¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de notícias de jornais do século XIX, que englobam os 1870 a 1888, de que maneira era informada a rebeldia do escravo para a sociedade brasileira e como essa imagem criava um estereótipo de subversão ao escravo mesmo que este não fosse adepto a criminalidades. Para tanto, o fazemos a partir da escravidão em Sergipe.

Palavras-chave: Resistência escrava; jornais; escravidão em Sergipe.

STRENGTH OF NEWS IN BLACK SERGIPE (1870-1888)

Abstract

The aim of this paper is to present, from newspaper News of the nineteenth century, which cover 1870-1888, how was informed rebellious slave to Brazilian society and how this image created a subversion of stereotype slave even this was not adept at criminalities. Therefore, we do from slavery in Sergipe

Keywords: slave resistance; newspapers; slavery in Sergipe

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe. Email: rosemaria-js@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Sabemos bem que os escravos para se manterem na causa em busca de sua liberdade mesmo que forçada, priorizaram seus princípios de organização e obtenção sobre vários aspectos à oportunidade de se sobressair da violência do homem branco. Sobretudo, porque desde sua captura em terras africanas até chegarem ao seu destino no Brasil, ele sofreram intempéries que os tornaram indignados com a forma de vida que lhes foi imposta. Toda violência e desdenhoso sofrimento se acumularam em indivíduos que desenvolveram astúcia para burlar o sistema escravocrata.

O objetivo deste trabalho é apresentar a partir de notícias de jornais do século XIX, que englobam os 1870 a 1888, de que maneira era informada a rebeldia do escravo para a sociedade brasileira e como essa imagem criava um estereótipo de subversão ao escravo mesmo que este não fosse adepto a criminalidades.

Em tese, a imprensa forjava neste período a imagem do bom e mau escravo; mesmo que de forma não intencional influenciava nas decisões sociais que regiam aquela sociedade que até então era a hegemônica.

O período destacado de 1870 torna-se de extrema importância porque a partir daí os escravos desencadeiam uma postura crítica sobre a sua forma de viver e um espírito de pertencimento trazido pela lei do Ventre Livre, de 28 de setembro daquele ano. Após a sua promulgação, plantou uma ideia de concretização e reivindicação de liberdade entre os cativos independente de sua faixa etária.

Assim, pudemos analisar este período como o mais fértil de eventos resistências escravas ,pelo desenvolvimento do sentimento de ser cidadão e não objeto. Sempre lembrando que a liberdade em 1888 não fora uma concessão beneficente, mas de que estes processos de rebeldia já haviam tomado uma proporção sem tamanhos que ser livre seria inevitável, e os anúncios corroboraram para ampliar esta certeza quando os escravos a todo tempo tornam-se personagens de órgãos de grande circulação no país; tornando visível as tomadas de decisões desses escravizados que rebelam-se para de qualquer forma obter o intento de ser livres.

A OBSCURIDADE DA ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL

Desde o século XVI, os investimentos nos negros para suprir a necessidade da mão de obra na nova terra emergiram da então motivação à implantação da cana de açúcar para exportação, que estava em alto desenvolvimento; junto com o surgimento de engenhos que comercializavam esse produto com os mercados europeus. Aquela foi a forma que Portugal encontrou para iniciar o povoamento e obter o ganho econômico sobre sua mais nova colônia.

Já que não conseguiram escravizar os nativos por completo, os índios, os que participavam deste sistema foram emancipados anos depois pelo então Sebastião José de Carvalho e Melo (Marques de Pombal) durante o século XVIII, dificultando o meteórico desenvolvimento econômico; tão estimado pelos grandes proprietários de terras e pela própria coroa portuguesa.

Para dar certo, todo empreendimento do engenho era preciso ter quem trabalhasse na nova terra de forma contínua, que se mantivesse no local uma quantidade suficiente de pessoas para a manutenção das máquinas, na lida da terra; como também da colheita.

Nesse período, em Portugal, sua população não supriria esta necessidade; e muitos se recusavam a se direcionar para a colônia. Então, os grandes senhores passaram a comprar de mercadores de escravos que retiravam da costa Africana os componentes que a partir daí daria possibilidade de continuação da economia e a garantiria os pagamentos de impostos tão desejados pela metrópole: *“A acumulação de riquezas, o comercio e a exploração fáceis serão os objetivos de impulsionar os homens. A condenação medieval a usura desprezada, impõe-se a ética do lucro.* (QUEIROZ 1987, p.8)

A nova perspectiva do governo português pela escravização dos negros foi regada a uma relação de conflitos e desigualdades que movia a ganância de se obter lucros; e por expandir o povoamento, com o intuito, também, de proteger as fronteiras da nova colônia contra invasores que viam no Brasil, um grande fornecedor de matérias-primas; como fora o caso do Pau-Brasil, primeiro produto a ser comercializado em grande escala pelos portugueses, teve como inicialização a participação de escravização indígena.

Com o desenvolvimento populacional na colônia e a geração de riquezas, a metrópole ganharia de várias formas; principalmente nos âmbitos de proteção das fronteiras impedindo invasões de arqui-inimigos e a arrecadação de valores que contribuiria no aumento dos lucros da então donataria do Brasil, além de, no futuro seria achado os metais preciosos;

esses itens tão desejados pelos países desbravadores que se utilizavam da pilhagem de cidades e tantas outras terras já povoadas.

No caso do Brasil, não era diferente; só mudava a configuração da tomada do território; pois aqui encontrara um povo ainda ‘virgem’ em termos sociais e sem movimento econômico, já que os índios retiravam seu sustento da terra: fauna e flora; hábitos bem divergentes do que a sociedade portuguesa já vivenciava. O novo mundo atraía a ambição de vários inimigos da metrópole que tinham a intenção de se apossar do espaço brasileiro como era o caso da Espanha.

A partir de agora, vamos nos delimitar ao processo escravocrata, que moveu o período colonial, enfatizando as ações e consequências deste sistema que até então foi gerido com mãos de ferro pelos senhores de posses; que através de sua força potencializada de cunho econômico; fizeram sobressair suas imposições aos mais desprovidos. Apresentando, assim um parâmetro econômico em que a força motriz tornava-se estritamente humana.

No chamado plano social elitista, onde o branco era dotado de todo direito e tem no investimento de negros sua maior fonte de renda, pois através destes; torna a colônia um grande ‘almoxarifado’; podemos dizer assim, de pessoas, já que os africanos se tornam desde sua captura à sua distribuição em outra jurisdição uma ‘coisa’; um ‘produto’ análogo de compra e venda, como qualquer bugiganga, para os senhores abastados; esta visão de ‘coisa/produto/mercadoria’; fora alimentando por séculos pelo pensamento europeu aos administradores fabris do açúcar e aos outros moradores da nova terra.

No traslado, muitos negros não resistiam e morriam, seja de doenças adquiridas dentro dos navios, seja de fome; pela desnutrição por alimentação incorreta, o banzo que desenvolviam antes, durante ou depois de sua chegada a terra firme. Muitos sofreram com os amontoados porões dos navios negreiros lotados de escravos uns sobre o outros, sujos, homens, mulheres e crianças, nem mesmo as pequenas eram poupadas no processo escravocrata; quanto mais negros tivesse; mais mão- de- obra; e aqueles que no momento era infante logo ganharia o corpo necessário para ‘recompensar’ seu futuro dono com trabalho.

Depois de capturados, os africanos tornaram-se propriedade e não continham nenhum direito, e sim deveres; o dever de enriquecer o seu dono com o resultado de seu trabalho; com o direito apenas de ter um prato de comida; se assim seu senhor achar que o

mesmo merecesse obter como recompensa pela sua obediência e entrega ao tão ‘valorizado’ laboro diário.

Muitos desses escravos que foram trazidos para o Brasil, vieram da costa do Benin, Angola, Gana, Nigéria, Serra Leoa, Costa do Marfim. Tendo como moeda de troca um tecido, poucas moedas, troca por mercadorias irrisórias, eram provenientes de sociedades rivais que capturavam inimigos; que assim se tornavam prisioneiros dos próprios negros em África ou parentes que os vendiam; para terrível destino aos portugueses; para a escravidão.

Quase sempre, as retiradas dos negros eram de lugares litorâneos, claro que isso era uma estratégia implementada pelos traficantes de escravos que tinha como objetivo a facilitação de transporte pela utilização do Atlântico, como também eram misturados de forma independente de sua composição linguística; ou seja, os Bantos se misturavam com os Haussás ou Jejes e assim por diante; tudo para que não houvesse a maquinação de ações de fugas e resistências violentas aos seus algozes; e através da diversidade os mercadores continha os motins.

Caso os cativos eram retirados do meio continental; acarretaria em mais dificuldades de enclausuramento e transporte, como também perda de dinheiro; até porque, por terra a chegada em áreas de movimentação marítima levaria mais tempo e os mercadores tinham presa de lucro; como também a proeza de se evitar a evasão dos já aprisionados.

Queiroz afirma que “*a partir de 1502 já se inicia o descarregamento de escravos captados em África para a América*” (1987, p. 16). Esse movimento se dá porque os senhores de engenhos tinham presa para implantar suas pequenas usinas e expandir seus fornecimentos o mais rápido possível ao mercado europeu, e como os produtos de cana-de-açúcar estava em alta; não havia tempo para perder:

A lucratividade do empreendimento vincula-se diretamente à sua realização nas melhores condições possíveis. Vale dizer: o trabalho deveria ser permanente, pois sua interrupção aumentaria os custos ou inviabilizava a produção. (QUEIROZ, 1987, P. 9)

Portanto, encontraram condições favoráveis neste país; a terra era boa e propícia a cultura de cana, pois o solo massapé (avermelhado, argiloso) era imenso e com a escravização; tornava o casamento perfeito para a manutenção do sistema açucareiro;

principalmente no Nordeste, onde o solo se enquadrava brilhantemente ao plantio, levando em consideração que esta região desde seu litoral adentro do continente regional, continha vários afluentes que facilitavam a cultura da cana; como também o transporte; principalmente porque era através dos rios que havia a maior movimentação de saída e chegada das cargas para abastecimento e escoamento da produção dos engenhos.

A força escrava entrou como somatória ao desenvolvimento das manufaturas, eram necessários vários escravos para cumprir o ritual de fabricação do açúcar, dentre eles eram necessários quem tomasse conta da caldeira, da casa de purgar, do corte e colheita da cana, do corte de arvores para fabricação de caixotes usados no armazenamento; e transporte até trapiches ou deslocamento até áreas de extrema importância para venda do produto.

Nesse processo, poderia levar a noite toda para dar conta da demanda que seria direcionada ao exterior, por conseguinte os escravos se dividiam noite adentro no revezamento para completar a fabricação do açúcar.

Mas, não era só o meio rural que se valia dos serviços dos escravos; as cidades também comportavam a massa cativa, onde seus donatários eram comerciantes, médicos, engenheiros e assim por diante. Estes se dedicavam ao trabalho nas casas como: cozinheiros ou ajudantes dos seus donos; além de acompanhantes de senhoras da sociedade citadina, ou escravos de ganho; trabalhavam durante o dia nas ruas com comércios variados ou realizando serviços de pedreiro, carpinteiros, ferreiro, ajudante, doceira, etc. E a noite, retornavam a casa de seu senhor com o arrecadado; ou eram escravos de aluguel emprestado por determinado tempo a alguém mediante um pagamento mensal ou até quando o serviço do cativo fosse necessário.

Na casa dos nobres, o escravo era encarregado de descarregar as latrinas com excrementos humanos na beira de rios, em praças, como para as escravas seriam destinadas a serem amas-de-leite ou babás permanentes, muitos pais abastados principalmente senhores de engenhos presenteavam seus filhos em aniversários com escravas, no caso dos homens para o sexo, para as meninas acompanhantes; virando um famoso 'brinquedo' nas mãos dos descendentes de posses.

Os cativos não tinham espaço para descanso, inicialmente. Eram obrigados a trabalhar incessantemente; em muitos casos, isso só mudaria tempos depois e como consolo para os escravos; com o passar do tempo foram sendo impulsionado a plantar em terras do seu

senhor para com o alimento produzido pudessem se alimentar bem e assim fabricar energia metabólica para aguentar os dias de trabalho, no início os cativos não tinham os domingos e os dias santos tudo se resumia ao labor. Essa exclusão de direitos percorreu longos caminhos, que mais à frente será abordada.

A venda de escravizados ocorria frequentemente, principalmente em fazendas de cultura de açúcar, quando o senhor por dívidas não tinha a quantia em espécie servia o cativo, isso era muito comum e se pode ver isso em testamentos e inventários onde entre grandes fortunas deixavam-se escravos como compondo os bens de grandes proprietários; mas com isso abria espaço para uma revolta de cunho emocional, porque muitos escravos que constituíam famílias eram obrigados a verem suas esposas ou seus maridos serem levados para lugares distantes, era assim que se separavam pais de filhos, avós de netos, tios de sobrinhos e isso gerava a insatisfação do cativo.

Durante vários séculos, os escravos viveram sobre submissão, era mais fácil viver sem as intempéries da desobediência; isso se deve porque desde sua saída da África, já era implantado em sua consciência que eles eram povos não desenvolvidos, inferiores, e sua cor se tornava a confirmação disso; de acordo com a sociedade escravocrata, já que para ser gente dotada de direitos deveria ser: livre, branco, ‘civilizado’, portador de títulos; família e de bens que reafirmasse seus direitos e posição de cidadãos perante a comunidade.

Todo esse estereótipo era incorporado na mente do negro desenvolvendo uma perspectiva de inferioridade que transpassaria vários séculos. Preto bom; era preto que se submetia às vontades de seu senhor e que realizava suas atividades diárias sem reclamar, sempre baixando a cabeça e dizendo sim ao branco; e muitos cativos realmente viveram e morreram sem se impor à elite escravocrata durante muito tempo; e assim pela vontade dos brancos deveria continuar.

Neste processo de possuidor e possuído, foram se desenvolvendo atos violentos mensais, semanais, diários, por horas ou segundos por parte do homem branco contra o cativo; por se sentir no direito de fazer o que quisesse com ‘sua mercadoria’ chegando a ponto de ferir não só a capacidade do ser do negro; como também seu corpo; era muito comum preto apanhar de chicote por uma atividade mal cumprida, ou por que faltou algum item expressivo no processo de produção no caso dos engenhos; ou porque salgou a comida.

Os maus-tratos eram frequentes; os escravos viam-se encurralados dentro de suas senzalas, o chicote soou muito durante quase quatro séculos. Os pelourinhos em praças públicas eram os ambientes perfeitos para exemplar não só o faltante, mais aqueles que sonhasse fazer algo diferente do que o senhor os mandasse.

E muitos escravos morreram durante os castigos, não só porque tinham que ser exemplados mais porque devia ser a partir da ruína de um, o medo dos outros; era assim que os grandes senhores desempenhavam sua autoridade, com violência, não bastava está preso deveriam; também ser castigados para que o homem branco pudesse mostrar sua força.

Durante os castigos, eram muitos usados utensílios, além do chicote, a abstinência de alimento complementando a vida cruel do cativo, as correntes e uma espécie de mordaca usada para evitar que o escravo comesse sem ordem, como também os utensílios onde pés e mãos ficavam presos; causando um desconforto ao corpo e a alma; estes foram alguns dos mecanismos de torturas usados para castigos do homem negro escravo; e é a partir disso que se inicia um trajeto contrário escravidão ; tudo muda a partir do ‘não aceito’.

A RESITÊNCIA ESCRAVA E A AFIRMAÇÃO DO ‘NÃO ACEITO’

Surgiu dentro desse sistema maus-tratos do branco para com o escravo um sentimento de insatisfação, os cativos cansados de sofrerem agressões o tempo todo pelo seu senhor desenvolve a ideologia de liberdade; isso porque já não aguentam servir com trabalho e ter como recompensa castigos, sendo estes tão cruéis que muitos morreram durante as torturas.

Os cativos então passam a se rebelar contra seu senhor para, assim mostrar que a condições que os impuseram foi uma escolha de uma sociedade individualista, movida pela ganancia e pelo dinheiro e não uma escolha do próprio escravo.

Muitos cativos passaram, então, a confabular ações de resistências contra seus senhores, através de fugas sejam elas individuais ou coletivas; para lugares distantes onde a perspectiva de um futuro melhor os esperava. Na maioria dos casos, muitos desses fugitivos se direcionam aos quilombos em áreas de difícil acesso e que em alguns casos toma proporções enormes como foi o caso de Palmares que manteve uma população de aproximadamente 20.000 habitantes e com um aparato militar invejável qualquer milícia.

Claro que não foram somente os escravos ao transformar-se em um dos mais procurados; havia também o conluio com pessoas marginalizadas pela lei e sociedade, índios que os ajudavam no desenvolvimento de estratégias e na composição de armas, já que depois de fugido era muito perigoso para o escravo retornar recentemente ao local de onde havia evadido corria o risco de ser recapturado; principalmente por capitães-do-mato homens que recebiam pagamento por escravo recuperado.

Essa nova vida em locais onde compartilhavam tudo o que produziam os faziam se sentirem livres; mesmo que em alguns casos fosse por pouco tempo. Pois já sabemos que os escravos eram uma moeda de extremo valor aos senhores de posses, ainda mais; porque seus lucros dependiam do trabalho escravo e quando um ‘exemplar’ se evadia; gerava prejuízos enormes e irreparáveis ao seu dono, porque eles não conseguiriam reaver seus gastos mesmo tendo comprado outro negro; então os grandes senhores recorriam aos chamados capitães-do-mato para reintegrar o mais rápido possível seu escravo.

As fugas não foram as únicas formas de protesto contra a escravidão; e a exposição de insatisfação, muitos senhores de engenhos e em tantos outros setores sociais perderam escravos que se suicidaram para não conviver com o sistema; em alguns casos; mulheres escravas abortaram para que seus filhos não compartilhassem do sofrimento imposto a elas; mesmo que muitas escrevinhas se valessem de sua beleza africana que atiçava o imaginário dos brancos os arrastando as suas camas; para assim ter o afrouxamento de seus sofrimentos nas plantações; e até alcançando a casa-grande que empregava uma vida menos dura que as dos que estavam na plantação.

Usavam de sua sensualidade para obter benéficos, elas tinham no sexo sua fonte de resistência; e assim manipulavam os homens a quem dedicavam –se a satisfazer não só a seu senhor mais sua meta de resistir os castigos sempre rígidos para quem trabalha ao ar livre.

Outros se valiam da violência propriamente dita, de tanta raiva que continham presa; e sobre sua fúria; muitos feitores morreram durante fugas de escravos, era quase sempre certo que um feitor teria sua vida ceifada, era sempre o primeiro a ser passado, pois eram eles que agiam de extrema crueldade quando o seu dono os mandava castigar; isso quando próprio proprietário fazia questão dele mesmo surrar seu bem, além de alguns próprios senhores de engenhos que perderam suas vidas nas mãos de escravos que buscavam vingança por todo horror sofrido pelo seu senhor.

Os escravos a partir de então passaram a usar qualquer forma de resistência se livrar das amarras e das correntes que limitavam seu poder de ir e vir nas fazendas e cidades, um exemplo disso, foi a capoeira, trazida da África; aqui recebeu configurações que à transformou a dança em arma de luta, era comum ver escravo que dominasse a arte derrubando feitores e capitães –do- mato em prol da defesa de sua liberdade, ela se torna uma ameaça tão grande que é proibido seu uso em 11 de outubro de 1890; dentro de fazendas e fora delas por lei , sempre buscando retirar dos cativos as armas que tinha a mão para defende-se dos maus-tratos e realizar fugas.

Os escravos-de-ganho sempre guardavam parte do dinheiro dividido com seu senhor para que pudessem comprar sua alforria e assim poder viver inteiramente de seu ofício. Escravas que negociavam com suas comidas; também usavam dessa artimanha para obter a liberdade dela ou de um filho para não o ver repetir o seu destino.

E assim se davam os processos resistências que variavam do ato violento de morte aos de manipulação de situações que viabilizariam uma melhora de vida longe nem que fosse por alguns instantes de agressões físicas absurdas que poderiam ceifar a vida dos escravos ,muitos usavam da obediência para não bater de frente com seu senhor e assim evitar os castigos mesmo deixando em dúvida suas atitudes se a submissão seria o conformismo ou mecanismo de resistir a crueldade diária nas grandes plantações pelo seu feitor?

Com medo de perderem escravos, alguns senhores optaram pela brecha camponesa onde libera seus escravos a realizar hortas e plantações de mandiocas entre outras coisas, não porque eram bons ou queriam ver seu escravo satisfeito e sim para enraizá-lo dentro de sua propriedade o deixando construir família isso dava o sentimento de pertencimento e o faria pensar antes de fugir, ou seja, um mecanismo do senhor para não perder sua ‘mercadoria’, mas ainda assim não se conseguia dominar todos os cativos os rebeldes inconformados sempre achava a brecha que o levaria a possuir a liberdade.

E as fugas não param de ocorrer e os escravos mais astutos sempre encontravam um jeito de ultrapassar os limites das fazendas.

A RESISTÊNCIA ESCRAVA GANHA ESPAÇO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Os escravos sempre foram tratados ou representados com ideia de objetos, coisas de extrema submissão; nem todos os autores viabilizaram ou interpretaram as ações recorrentes do cotidiano destes indivíduos, de modo a mostrar sua outra face; a face da luta; da reivindicação; da indisciplina, da rebeldia.

Era comum ver historiadores delimita-se apenas a narrativa de escravo, coisa, castigado, obediente e quase nunca houve espaço para uma perspectiva que colocasse os bastidores das reuniões das senzalas, das rodas de danças, da capoeira, da religião negra.

Ao falamos de negro, podemos notar que na maioria das bibliografias seus aspectos mais aparentes que surgem, são a de homens e mulheres reprimidos e fadados a servir para o resto de sua vida a um senhor, sendo passado de mãos em mãos pelo processo de venda no mercado negro.

Poucas obras tratam do negro como foco potencial e capaz de realizar vários métodos para obter um modo de vida melhor; e com menos castigos; além de atizar o medo de seu próprio senhor. Principalmente nos manuais escolares o cativo é taxado como instrumento de trabalho nos períodos coloniais movidas; apenas pelo prato de comida e um modesto lugar em uma senzala.

Isso se desenvolveu durante muitos séculos uma imagem de um ser menor; do escravo o não dotado de inteligência; que não era capaz de sobressair das armadilhas dos homens brancos era como se o negro; escravo se deixasse prender e escravizar sem ao menos se perguntar o porquê disso, gerando em muitos leitores, estudantes e analisadores do passado uma sensação de aceitação da condição de escravo.

Mas, sabemos que todo ser que é privado de seu direito de ir e vir sempre resiste de alguma forma, seja com violência, seja com astúcia, seja com uma precisão intelectual que muitas vezes não se é capaz de acompanhar sua maquinação; tornando-se ícones de ações de luta como foi o caso de Zumbi dos Palmares, que inteligentemente soube militarizar seu quilombo com técnicas e estratégias que levou o quilombo Palmares a sobreviver durante anos e incomodar os Presidentes de Províncias a tal ponto que sua única missão ao assumir cargos era destruir Zumbi e seus colaboradores seja, eles escravos fugidos ou aliados que tiveram afinidade com sua causa, ou melhor a causa escrava.

Sempre que os grupos africanos e seus descendentes são citados, há o ar de sofrimento, e sua função nos engenhos são mais enfatizados pelo processo econômico açucareiro de bens de consumo e os básicos para subsistência como: arroz, feijão, legumes.

Nas grandes áreas voltadas ao plantio açucareiro e alimentar, esquecem-se, parece, de buscar a imagem além do que ela realmente foi a jornada dos próprios pretos que lutaram e requereram em épocas difíceis da sua longa estadia nas grandes lavouras o direito de viver; e ir e vir como um ser comum e que os brancos faziam questão de retirar de si.

Desde o início da escravização negra no Brasil, a partir do século XVI, as reações de violência sempre foram estabelecidas durante a jornada de trabalho ou durante a ociosidade no domingo ou dias santos para seu descanso; esses benefícios não surgem do nada ou de uma bondade desmedida do senhor de engenho; estas brechas foram obtidas após anos de luta; forçadamente; porque escravos astutos desenvolveram técnicas manipuladoras.

Solicitavam benefícios em troca de sua permanência nas terras do seu senhor através de métodos variados, ou seja; muitos escravos fugiam por determinado período retornando após dias; e se não obtivesse seu intento fugia novamente. E o que nos diz João José Reis, notório pesquisador da resistência negra no Brasil, sobretudo, na obra: *Negociação e Conflito*, de 1989. Aqui, ele chama essas ações de fugas reivindicatórias; onde se enquadrava as de cunho, física, emocional, sexual, moral e entre tantas outras realizadas por essa categoria; até então sempre estereotipada como frágil nos antigos livros historiográficos:

Na escravidão nunca se via uma paz verdadeira, o cotidiano significava uma espécie de guerra não convencional. Nessa guerra tanto escravos como senhores buscavam ocupar posições de força a partir das quais pudessem ganhar com facilidades suas pequenas batalhas (p. 32).

Essa nova interpretação do outro lado da moeda nos traz uma cosmovisão mais ampla de como se pensar a historiografia escrava no Brasil; no âmbito da perspectiva do vencido, do oprimido; como agiam e como através de ações de revide se ia construindo uma nova imagem do escravo.

Na visão anterior da historiografia; o escravo era o submisso, o faz tudo; que não dizia não; assim, foi-se se estabelecendo na história uma sequência de interpretações talvez errôneas; ou possamos classificar como, omitida por uma escrita movida pelos fatos de cunho intitulados 'importantes' para a preservação da memória escravocrata de um tempo.

Era muito comum ler sobre o negro como fonte de renda em livros; principalmente aqueles que eram destinados ao ensino regular e científicos; como forma de passar a história só no viés do colonizador e proprietário de grandes fazendas, engenhos e nas minas de ouro em Minas Gerais.

Foi sendo forjada uma imagem em que os cativos só apareciam nas contagens de engenhos, e também, nos inventários como números, herança e sobre tudo agente provedor de força de trabalho; sempre citados pelos seus dotes desenvolvidos na rede econômica do escravismo, assim como, sua aptidão; principalmente pela sua saúde e capacidade na maioria das vezes; jovial de ser opto para qualquer laboro forçado.

Mas essa forma de ver o escravo foi se moldando com o passar do tempo; e isso é bom, porque só assim podemos enriquecer a história com novos elementos que contribuirá na elaboração da escrita histórica; levando em consideração todas as possibilidades que o fato histórico pode oferecer na composição de uma memória; sem preconceitos, exclusivas ou até mesmo excluídas, tornando o fato uma rica fonte de crítica e recuperação de vários âmbitos do passado.

Assim também, expõem Clóvis Moura, que aborda a resistência negra de forma brilhante e com muitos detalhes, é impossível não se render as argumentações deste grande escritor, que fez com suas teses sobre a grande revolução na forma de se ver o escravo no cativeiro e fora dele. Dono de várias obras; que seguem contribuindo para a história revivendo vários aspectos dos bastidores da escravidão negra desde sua origem lá na África até seu destino final no Brasil.

Clóvis Moura analisa a partir dos quilombos e das relações de convivência de fugidos para contar como se deu a luta escrava e como estes se relacionando com outros grupos muitas vezes marginalizados pela sociedade tornava-se aliados em uma luta onde o escravo era o foco do problema; contribuindo, assim para o desenvolvimento de uma nova rede; a rede de afinidade de causa.

Tanto ele como João José, em seus trabalhos, aborda a escravidão em Sergipe, torna-se inevitável não tocar na história do Estado, pois este fora um grande polo de escravos, por conta de vários engenhos na região do Cotinguiba em cidades interioranas como: Japarutaba, Estancia, Maruim, Laranjeiras, Capela, Rosário, e outras que foram berço da escravidão e que fizeram a produção de açúcar e algodão ser comercializada em grande escala, ou seja; Sergipe

foi grande berçário de fugas e reivindicações por conta de conter uma população escrava significativa.

Os dois autores enquadram muito bem o tema da existência escrava, principalmente em jornais e inventários como fontes primárias para chamar a atenção da importância do regional para a compreensão do total.

Quem vem com uma roupagem inovadora no modo de escrever e de tratar sobre a resistência escrava é Emílio Gennari, em sua obra *Em busca da liberdade: traços das lutas escrava no Brasil*, de 2008. Nela, o autor consegue, através de um diálogo entre uma coruja símbolo da sabedoria e um humano, discorrer sobre como os cativos chegaram até a condição de escravos e sobre sua oposição ao abrir sua mente para uma inconformidade tão brutal ao sistema que acaba desenvolvendo resistências que marca de forma pequena ou de grandes escala como foi a revolta dos Malês em 1835 na Bahia.

Esta que foi uma das maiores marcas das resistências comandadas por escravos e não escravos e libertos, mesmo sendo falida por ter sido descoberta, pois foi delatada pela mulher Lucutã um dos líderes do motim e seus cúmplices, aos homens brancos, ainda sim fora de extrema significação ao desenvolvimento da consciência escrava sobre sua posição de cativo, e de união em prol de algo benéfico a sua categoria tão sofrida que se estendeu até o século XIX.

Gennari consegue, através de diálogo, resgatar muito sobre as formas de lutas dos escravos até o processo de elaboração da lei áurea no Brasil pela princesa Isabel; em 13 de maio de 1888, realizando uma profunda análise de como os processos de resistências interveio a descaracterização do sistema escravista.

No âmbito regional, temos grandes analisadores do processo de resistência escrava em Sergipe; como é o caso de Lourival Santana Santos, que adentra no tema enfatizando uma perspectiva da *Pedagogia da Violência*, aonde o escravo vai de encontro com as várias maneiras que o homem braço tratava seus cativos.

Levando em consideração que as maiores causas de revolta sempre eram os maus-tratos sofrido em cativo e que enquadrava o escravo em um aspecto de coisa a ser exemplificada sempre a base de chibata e torturas desumanas que poderiam levar a morte durante sua execução.

Lourival Santos consegue dá uma direção sobre esta pedagogia enfatizando as ações e reações dos envolvidos nesse percurso de dominação do outro, que se tornava cada vez mais frequente nos bastidores das grandes propriedades.

Por sua vez, Sharyse Piroupo do Amaral, em *Pelos matos e senzalas: movimento quilombola*, ‘traz uma leitura de como foi a resistência negra, ela traz os anúncios de jornais dos séculos XVII, XVIII, XIX, porém o problema é que há apenas a transcrição dos relatos ocorridos em já acima citados, ela pelo menos nesse texto não consegue erguer uma argumentação que correlacione ideias com os fatos históricos.

No âmbito de se conhecer o conteúdo das fontes está perfeito, mas falta sua conversação com o texto não se consegue ver claramente o que com toda a fonte exposta ela quer ressaltar em seu trabalho, as perspectivas o que o fato histórico ali pode trazer de novo ao desenvolvimento da historiografia, certo que a transcrição poderá servir de arcabouço para outros pesquisadores, mas ela neste trabalho não consegue deixar sua marca, sua visão, sua argumentação de como essa resistência a partir de quilombos tornou-se essencial para a consolidação o do processo libertário do escravo.

Maria da Gloria Santana de Almeida em *Nordeste açucareiro: desafios do vir-a-ser capitalista*, de 1993, consegue abarcar vários aspectos não só da produção do açúcar, mais também da procedência dos escravos; além de realizar um panorama social; ela faz uma análise de todo aspecto territorial do período levando em consideração até os aspectos ambientais, lembre-se que influenciavam muito no processo de fugas, que o estado do solo e as dificuldades em entrar mata adentro era muito importante para formações de quilombos e assim impedir a localização; era o objetivo mais visado pelos fugidos .

Ela consegue apresentar neste trabalho uma visão ampliada de como funcionavam os engenhos e como seus donatários realizavam a contabilidade de seus bens dentre eles, muitos escravos que fizeram parte de inventários e testamentos que viabilizaram o enriquecimento de descendentes de famílias enriquecidas; não só pela produção do açúcar em si, mais também pela complacência de alimentação da escravidão mesmo após sua proibição do tráfico de escravos em 1850, realizando transações em que os escravos ainda eram a grande moeda de troca.

Mesmo a resistência escrava não sendo foco de sua obra; ela consegue nos apresentar o ambiente interno dos engenhos e como se dava a convivência escrava tanto no trabalho como em relações exteriores; e nos mostra que a partir de uma perspectiva que podemos abstrair informações enriquecedoras para novas obras dentro do âmbito regional, enriquecendo cada vez mais a historiografia sergipana e brasileira.

Todos os aspectos traçados sobre a resistência escrava no Brasil e em Sergipe servem de direção a compreensão do escravo como agente histórico; não só como personagem; mais também como produtor do fato histórico que revolucionou as camadas sociais e que implementou sua forma de ser e agir sobre aqueles que de fato; até então seriam os produtores da historiografia elitista e estamental de um tempo.

A partir da concepção de que o escravo também agia em torno dos fatores que galgaram a ascensão do homem branco; se tem uma nova visão de como esses personagens foram de extrema importância ao desenvolvimento de uma nova ideologia voltada à sua classe que até então fora tanto desvalorizada e omitida, seja pelo fato de não se render a suas efetivas reações de luta; ou de estabelecer com vários argumentos para o distanciamento destes homens e mulheres que se apossarão da astúcia para obter benefícios e alavancar seus intentos em prol de uma ideia de liberdade.

Era preciso abrir os ares para enxergar como as revoltas, a rebeldia e toda insatisfação não eram meras emoções que só seriam guardados em seus ocultos pensamentos, estes sentimentos se tornaram concretos a partir de que estes agentes históricos compreenderam que sua participação no processo escravo não cabia mais, já que não foi uma escolha individual sua e muito menos coletiva, foi uma escolha de outros.

Forçada, imposta sem medir consequências, sentimentos ou muito menos desejos e sonhos, foi uma ação covarde em que o homem branco se vale de sua força econômica para dominar os negros, em uma guerra social de cor e dinheiro onde o negro nunca teria vez ao menos que este se revoltasse sobre sua condição e mostrasse que sua classe é capaz de elaborar com astúcia ou violência, mesmo em último caso sua força como ser, como humano, como parte de um todo.

NOTÍCIAS DE RESISTÊNCIA ESCAVA EM SERGIPE

Tentando se desviar do sistema, o escravo em Sergipe passou a galgar novos modos de vida, indo para longe daquilo que o fazia sofrer, infeliz. Não ter o direito de ir e vir tornou-se martírio profundo; então nesta região onde se concentrava grandes engenhos produtores de ouro branco.

Eles foram aos poucos sentido a força da organização escrava, onde estabeleceu desta forma; uma mensagem ao seu grande senhor que é a seguinte: *‘eu não admito mais ser escravo’*, claro que na mente deste indivíduo ele poderia fazer o que quisesse, mas lembremos de que a decisão de resistir traz consigo severas consequências.

Nesse sentido, enfatizamos que o fator esteve marcado a olhos nus para sociedade e que nela já revelava que o mesmo era escravo, como confirma o autor Clovis Moura:

A metrópole não se conformava com aquilo que considerava um insulto à sua autoridade. Toma providenciais. Em 1741, mandará que seja rigorosamente cumprido o alvará de 7 de março daquele ano onde se manda ferrar (ferro em brasa) com letra *f* na testa (fujão) todo negro que fugisse e fosse encontrado em quilombo, e cortar uma orelha em caso de reincidência. (p.19).

Caso o mesmo fosse capturado; em caso de sorte, este escravo jamais será visto, a menos que seja recapturado por capitães-do-mato ou pela milícia de província; fugir; essa para o escravo era melhor opção e foi o processo de resistência mais usado, além de longo e laborioso para seu senhor, pois depois de fugido o escravo se inseria a um quilombo que se tornava sua nova casa.

Os jornais nesse período tornam-se fundamentais para a circulação de notícias dentro das províncias, ou seja, era a partir deles que os senhores de engenho buscavam reaver suas ‘mercadorias’ sempre fitando seus direitos sobre seu escravo, então era muito comum ver notícias de fugas que tinham como objetivo ascender a faísca da posse como anunciou:

A fuga de 2 escravos dando-lhes as seguintes características: Mauricio, crioulo, 25 anos, pouco mais ou menos, corpo espigado e regular, boa dentadura e pernas finas, nariz chato, beijudo, pouca barba, já Ângelo é crioulo e muito preto 20 anos, beijos grossos, pouco bicudo, estatura regular, cheio do corpo, boa dentadura sem barba e ‘metido a valente. (Jornal do Aracaju – 23 de abril de 1872).

O escravo fugido tem uma imagem já definida quando chega a exibição no noticiário, ‘metido a valente’ é assim que nomeiam os que não se rendem ao sistema. Pensar por si; incomoda as pessoas e se bem dizer dotado de direitos é uma afronta a uma sociedade movida pelo tráfico de pessoas. O anuncio é de tamanho médio; isso quer dizer que em meio ao processo de libertação do escravo pela lei de ventre livre o escravo torna-se mais valorizado não como pessoa e sim como mercadoria. O mesmo anuncio vai se repetir-se em (25/4) (27/4) (16/3) do mesmo ano.

O anuncio citado acima não é o único nem o último; o mesmo periódico por anos enfatizou essa busca incessante de senhores de engenho por seus cativos, pois já sabemos que um escravo fugido gerava mais prejuízo que se o senhor obtivesse um novo, se levarmos em consideração o tempo de aquisição e seus gastos para que o fugido tornasse apto e capacitado ao trabalho; segue ainda informando:

Que no dia 30 de março fugiu o escravo Pedro do engenho Sant’Anna de Antônio Manuel de fraga o escravo descrito como fulla, cabelo corrido e tem especialização em pedreiro 45 anos etc. com pequena ferida na perna e levou a colher de pedreiro consigo. Junto com ele o fugido Simão de cor parda 33 anos pertence a Romualdo Ferreira lavrador do engenho. Sendo designado recompensa pela sua captura e pagamento de gastos onde ele estivesse. (Jornal do Aracaju – 15 de junho 1872)

A ferida na perna provavelmente pode ter sido feita por castigos que impulsionou a fuga, e sua recompensa mostra como este escravo tinha um valor por ser qualificado, mesmo assim o anuncio é regular, ou seja, simplório mais de fácil visualização aos leitores; outros jornais também seguem o viés de contar esses atos de rebeldia como fora o caso do: “*A captura do escravo Luiz de propriedade do engenho fundão que foi responsável pela morte do feitor da propriedade*” (Jornal O Horizonte – 11 de outubro de 1885).

Em muitas tentativas de fugas um dos métodos usados eram sobre surpresa ou enfrentamento; matar o feitor (homem responsável por gerenciar a fazenda) para ter acesso livre a liberdade.

As mortes de membros de fazendas eram estabelecidas pelo grau de raiva portada pelo escravo, devido aos maus tratos exercidos por estes funcionários de senhores de engenhos e afins. O anuncio é de estrutura media, nesse caso pela extensão do anuncio pode se perceber a necessidade que ele possa ser visto por todos.

Na maioria dos casos o crime ocorria como a consequência da luta e não por intensão, outros jornais seguem informando a população:

Na província no interior há levantamento de escravos, diz que priorizam as terras e não fazem violência com outras pessoas e se acumulam agora no sitio jacari onde armam suas casas e dedicam ao trabalho e quão e os crime sofridos em estradas são realizados pelos seus amigos farriporas e não aos infelizes escravizados que pagam pela liberdade... (Jornal, O Larangeirense – 12 de fevereiro de 1883).

Mesmo a fonte estando em pouca visibilidade anuncia uma revolta coletiva, mas pacífica reivindicando terra para se plantar isso nos remete a brecha camponesa em que os escravos realizavam ações rebeldes para obter benefícios, a partir desta notícia se comprova mais uma astúcia do escravo para obter benefícios em seu cativeiro. Lembremos que em andamento destas revoltas e ações rebeldes se tramitava em casas províncias os projetos de libertação escrava que se iniciou com a lei do vinte livre: “*A lei em tramites em câmara de autoria de barão de Cotegipe: sobre abolir a escravidão, respeitando a matricula de escravos os custos deveriam ser pagos por trabalho após libertos*” (Jornal o Larangeirense - 1 de janeiro de 1888).

Estes projetos já mostram que o processo de liberdade dos negros já não terá mais impedimentos e que seria questão de tempo para uma totalidade, as revolta e fugas que eram as ações mais comuns só corroboraram para o entendimento de que a escravidão já estava ficando insustentável e a lei já havia implantado uma concepção de direitos na mente dos cativos gerando assim indignação sobre sua condição dentro das fazendas. O Jornal do Aracaju –21 de março de 1872 informa a fuga de um escravo no dia 11 de fevereiro de 1872 do engenho limeira estancia, o escravo crispim 40 anos.

O anuncio é pequeno quase imperceptível, mais não deixa de reivindicar direitos de posse, já que se conseguirem escravos já estava ficando cada vez mais difícil tanto pelo fator proibição de tráfico, como pelas leis de censo de contagem de nascidos e velhos nas cidades que estabelecia ainda mais uma escassez de escravo dirigido ao trabalho na lavoura.

Já o presidente de província relata que cativos foram mal aconselhados ou influenciados pela lei 2040 de 28 de setembro de 1871 que não gozam de sua liberdade porque seus senhores se opõem gerando alvoroço e rebeldia que se culminam em quilombos, e que está desencadeando roubos, inclusive com espancamento de vítimas nas estradas, além de cometerem mortes por latrocínios, posto medo as vítimas e a sociedade sobre suas vidas e propriedade. [Sergipe (província presidente (Luiz flores d’Azevedo Macedo) relatório – 4 de março de 1872].

O escravo sempre posto como um mal a ser retirado de circulação da sociedade, neste trecho o presidente de província insinua que por ter os filhos acesso a liberdade os cativos adultos também reivindicam as suas, do ponto em vista neste trecho que a consciência de extensão do processo libertário está em plena maquinação nas mentes dos escravos será a partir daí o amadurecimento de uma consciência negra livre mesmo por aqueles que são altamente submissos?

Sente-se uma preocupação intensa destes indivíduos em que gera economia no Brasil, pois é a partir deles que os mais variados produtos são fabricados, em fim o escravo centro comercial de grande valia.

A escrava Rosa, fugida que procura a polícia em busca de seu dono em maruim, pois estava com ferimento na perna foi direcionada ao hospital. (Jornal o Larangeirense- 1 de janeiro de 1888).

O anúncio acima mostra que as condições encontradas fora do cativo podiam ser diversas; os homens eram mais aptos, pois fisicamente aguentava mais os intemperes da fuga, já a mulher cativa em sua grande maioria tinha o peso de ter filhos para acompanharem dificultando a locomoção com fluidez para não ser pego, neste caso o que podemos notar é que esta escrava ao se ferir de tal modo provavelmente fora deixada para traz pelos outros ou podemos cogitar a possibilidade destas ter se ferido a tal ponto que prosseguir na fuga poderia resulta-la a morte; seja por infecções pela ferida, seja pelo esgotamento de forças durante a viagem, isso explica um pouco porque o indice de mulheres em quilombos eram tão baixos a fragilidade em aguentar grandes distancias a longo passos não era nada fácil; mesmo para um homem. E as fugas continuam sendo noticiadas vejamos mais...

Jornal notícia que o escravo Francisco fugido de 38 anos, corpo regular, baixo, com cicatriz no ombro, gostava de andar descalço, calcanhar rachados, e bebe muita cachaça, sebe o oficio de carpinteiro e pedreiro ‘ com imperfeição’ e paga-se recompensa a quem o achar entregar ao senhor Pedro ribeiro de aboin em Estancia (Jornal do Aracaju –30 de agosto de 1873).

É notório que por ter habilidades este escravo é de extrema importância, já que com a lei do ventre livre e antecedido com a proibição de transporte de escravos em 1850; os fugidos eram caçados com fervor, pois ao fugir eram evadidos também todo investimento do

senhor, e desmoralizar em anuncio traz a ideia de que, assim retiraria o interesse de outros que se apossa do fugido.

Ou seja, os jornais também serviam de estratégia de manipulação dos senhores de engenho que os usavam para marcar seu escravo fugido para que nenhum outro os prendesse, assim o escravo desse modo ficaria visado por toda sociedade isso impossibilitava de se estender mais da sua jurisdição; já que toda a sociedade passava a conhecê-lo fisicamente e mesmo sem o uso neste período de fotografia como elemento de identificação, descrever seu escravo nos jornais davam-lhes retorno para sua recaptura. Mais segue mais periódicos no século XIX comunicando.

Diligencia realizada na mata do engenho brejo pelo tenente Roberto de carvalho que através de denuncia chegou até o quilombo, mas os fugidos já haviam evadindo-se do lugar, sendo capturada uma mulher parda escrava de nome Francisca fugida a mais de um ano de seu dono Manoel Curvello de Mendonça. Por conta de obstáculos da mata os grupos de polícia tiveram dificuldade de adentrar no local para melhores resultados, diz que a captura da escrava não deixa de ser importante, pois a mesma tem filho que nascido após lei de ventre livre tem o direito de liberdade automática sendo entregue a juiz de órfãos, pelo decreto 13 de novembro de 1872 é livre. Diz o jornal ‘vê-se bem que esses quilombolas praticam toda sorte de perversidades nos lugares em que se acoutam. Fazem mil tropelias, privam-se seus próprios filhos, quando não lhes dão a morte, como muitas vezes terá acontecido’. O (Jornal do Aracaju –14 de maio de 1873).

Malfeitores, perversos são as definições dadas aos fugidos, como se fugir e almejar a liberdade fosse algo Sul Real. Quando o mesmo se refere a ‘privam seus filhos quando não os matam’, remete bem ao tocante de não se deixar prosseguir a condição de escravo aos seus descendentes, era a forma que muitos pais escravos viam como única solução para livrar suas crias das maldades dos brancos que se abstenha dos sentimentos e direitos dos escravos.

É de longos anos a existência de quilombos em Laranjeiras, divina pastora, Rosário, Capela e Japarutuba e diz

‘São uma constante AMEAÇA à segurança individual e de propriedade’
‘Maneira ATERRADORA porque assaltavam os lugares mencionados’
‘Malfeitores’. É o que Informa o (Jornal do Aracaju –19 de março 1873).

Os ataques que continuam denegrindo a imagem do fugido como se estes fossem realmente criminosos por escolha, esquecem que a fuga é um refúgio dos maus-tratos e excesso de trabalho, o quilombo é a válvula de escape que dá folego aos escravos de viver sem a sombra de depressões e sons de chibatadas, sempre com o intuito de disciplinar e

exemplar outros dos seus eu os tentassem fugir, malfeitores por que? Ameaça, por que? Veja como os jornais influenciam a opinião pública da época, pois os fatores apresentados apresentam não só um escravo fugido, mais também um bandido aterrorizante e as palavras impressas torna-os mais perigosos do que realmente são, já o próximo periódico diz:

O escravo venceslao foi capturado sendo ele um dos chefes mais temíveis dos quilombolas e que consta sobre ele assassinato, roubos e outras ações, e desejam que continuem para a tranquilidade dos proprietários de província aos que tantos males fazem. (Jornal do Aracaju –30 de março de 1873)

Os escravos são tirados de sua terra natal, de sua família, de suas atividades normais e são obrigados a lutar por sua liberdade; e os que sofrem com eles ainda são os senhores de engenho?

Que contradição é gerada em favor de um sistema onde os vulneráveis tornavam-se os algozes; lembremos que os escravos ao fugir para quilombos são obrigados a buscar em engenhos e cidades o que faltam nos quilombos.

Os crimes de roubos e furtos realizados são um resultado sistêmico que os próprios brancos induziram ao se negar a enxergar que a escravidão já havia tomado proporções diferenciadas; quando os cativos idealizam uma nova forma de vida longe das grandes lavouras, podemos dizer mais; longe de castigos desmedidos e expressão de superioridade desmedida em prol de mostrar poder de uma hierarquia que não admitia se misturar com outra etnia oposta, por se sentir acima de todos que não fossem brancos.

Essa disseminação de raça foi gerando em torno do escravo um ar de maléfico e rebelde e os jornais apenas seguiam contribuindo para mais formar opiniões contra os oprimidos que lutavam por um lugar ao sol dentro de um sistema em que o negro e escravo não tinha voz nem vem é possível perceber isso em vários outros jornais da época como o que agora se segue o próximo jornal.

Informa a fuga de escravo do engenho Mulungu a um mês do proprietário cap. Antônio José da cunha, fugido de nome sabino, sendo ele conversador e pés grandes e oferece recompensa. (Jornal o raio- 10 de julho de 1870).

Os escravos em todos os casos eram sempre caracterizados por uma deformação física obtida pelo trabalho duro, caracterizar para o senhor de era como uma carteira de identidade que os facilitava o trabalho de tramites judiciais, fala sobre uma deficiência era como uma tatuagem em tempos atuais tornava-se parte do homem e ela poderia ser essencial

para distinguir pessoas, no caso aqui analisado o escravo fugido. Sempre o senhor escravocrata encontrando um meio de sobressair sobre o escravo astucioso.

Alguns escravos se valiam de resistir da forma que podiam mesmo que não conseguisse a tentativa sempre fora um caminho, era raro mais ocorriam casos como o que veremos agora, o Jornal O Descrido- 18 de agosto de 1882 relata que

o escravo Thomas de propriedade de José Ferreira foi chicoteado quando já deveria estar livre. se o promotor de Japarutuba não tivesse se negado a o juiz Antônio Ferreira França, anulando ' liminar' conseguida pelo escravo pela junta de classificação de 'mesma comarca'. O jornal dá sua opinião sobre tal atitude se opondo completamente sobre o assunto e enfatizando um discurso extremante absolutista, que defende a libertação do escravo.

O discurso empregado no noticiário é de grande relevância, pois partindo que o jornal é um formador de opiniões, ele consegue atingir uma grande parcela da sociedade; já que este mecanismo era um meio mais rápido de se ter informação sobre a nata social e suas ações, assim como o que a população pobre passava no momento.

O jornal tem uma argumentação forte e decidida quanto a libertação de escravos e enfatiza que os que são oprimidos um dia si virará contra seu opressor e isso não seria nada bonito; quando sua consciência de cidadão o fizesse perceber seu espaço na sociedade 'escravo'.

Um anúncio que põe em evidencia que a questão da escravidão já não cabe ao âmbito social, pois sua extensão em primeira página mostra altivez e determinação pela causa de libertação, com palavras bem elaboradas bem inscrita e de uma coesão e coerência voltada ao processo que se configura em sua época. O mesmo consegue expor que o sistema escravista já estava de declínio e o tempo seria próprio algoz dos senhores de posses e libertador aos escravos.

Em,

Sergipe província presidente (Luiz flores d'Azevedo Macedo) relatório – 4 de março de 1872). Informa que a tranquilidade da cidade foi comprometida pelo surgimento de vários quilombos e pede investimento em prol do aumento da vigia e abatimento dos quilombos, sempre deixando em ênfase que a sociedade de regiões de engenhos que sofreram mais com os ataques dos negros estão ansiosas com o aumento de áreas de negros fugidos. Nesta informação o mesmo solicita mais soldados e armas para então poderem combater as aglomerações.

Fala como se os não livres, fugido fosse uma praga a sociedade e que as cidades deveriam ser movimentadas para assim liquidar a população quilombola. Generalizam ideias e concepções em prol de justificar as ações de combate aos quilombos, sabemos que os fatores que realmente incomodam é que os senhores de engenhos e afins estão perdendo o controle de seus escravos, estes estão cada vez mais organizados em obter a liberdade mesmo que tenha que ser com combate em que se derrame várias gotas de sangue.

Um ambiente de paz e de felicidade ao sergipano, dizendo que a partir de sua administração apesar das fugas de escravos do cotinguiba o governo tem se mantido alerta aos agrupamentos de fugidos (quilombo). Fala que os negros estão continuam praticando atos ilícitos, além de incomodar proprietários de engenhos para a em seus pastos roubarem e que esta levantado força ao combate destes aglomerados em função de abate-los. Por que os negros estavam cometendo muitos crimes no Estado. Relata o relatório em (Sergipe (província presidente (Luiz flores d’Azevedo Macedo) relatório – 5 de setembro de 1872)

Aqui o negro como sempre é visto como o marginal, aquele que impõem a morte aos que não cedem seus desejos que arrebatam seus bens seja ele material ou de consumo como é apresentado como um animal selvagem, ser sem escrúpulos e capaz de tudo pelo seu intuito, os governadores de províncias já tinha um discurso formado sobre os rebeldes que era de bandidos ,ou seja, o escravo em quanto escravo é pacífico ao seu senhor, mais quando se opõe ao sistema ele vira um ser abominável e que todos devem manter distância, como se vê aqui o escravo adepto de artimanhas ainda era suportável mais o que fugia tornava-se inimigo não só de senhores mais também de Estado.

Em o Jornal o Larangeirense- 12 de fevereiro de 1888, informa o suicídio de um negro em Itabaiana ‘infeliz ‘de propriedade de capitão Antônio cornalioda Fonseca, diz que o escravo realizou tal ato por loucura por paixão não correspondida.

Bem pode ser que a paixão deve ter levado o escravo a realizar tal ato, mas se o fato de estar preso não influenciasse em impedi-lo de ir em busca de tal moça ele não o teria suicidado, já que está preso impedi o diálogo e convivência com escravos de outras senzalas. Será mesmo que esse fora o motivo, ou esta explicação seria apenas para distorcer o verdadeiro motivo de o cativo ceifar sua vida, o que vejo é que o escravo exaltou de seu modo de vida preferiu a morte a ser parte de um jogo onde ele seria o único perdedor.

A fuga de uma escrava da cidade de Maruim em 9 de novembro do corrente ano, sendo descrita como escrava cabra de nome Eugenia, moça (dando a entender que é jovem, nem velha nem nova de mais) de altura ordinária (presumisse que mediana) e cheia de corpo (nem obesa, nem magra demais); com sinal de queimadura num lado da face, além de cicatrizes em outras partes do corpo além de descrever as roupas vestidas na hora da fuga e apresentar recompensa de 20\$000; (levando a acreditar que a escrava era dotada de grandes artifícios para o trabalho) dispozo os preceptores a ser entregue como: Dom vigário Vasconcellos ou s.r. Fonseca Lacerda em Estancia ou ao tenente –coronel Leite no engenho bugio na Bahia. Anuncia (Jornal do Aracaju – 11 de novembro de 1871).

Neste anúncio pode-se ver a mais clássica forma de Resistencia do escravo dentro do processo escravista, os motivos para esta ação entre eles está o trabalho forçado, castigos e o abuso sexual, apesar de para algumas escravas terem sido ferramenta de Resistência pela manipulação para obtenção de comodidades; nem todas escravas compartilhavam da prostituição em prol de regalias.

Quanto a queimadura no lado da face pressupõe que a escrava já era marcada por ter fugido outras vezes, pois marcas em face foi estabelecida como forma de identificar e barrar a repetição das fugas de escravo, pois toda as vezes que ocorria; o escravo passaria pelo mesmo processo de marcação.

A INVERSÃO DE PAPEL, O ESCRAVO TORNA-SE O AGRESSOR: CORRAM, POIS, ELES MATAM.

Os eventos retratados em pequenos ou grandes anúncios que qualitativamente ou quantitativamente são apresentados a população do século XIX; vão corroborar para estabelecer parâmetros de desigualdades e sobre tudo; de marcar a imagem do escravo não como um agente em busca de direitos, mas de criminosos e desorganizadores sociais que a partir de movimentos de rebeldia passa ser alvo de abominação social e escandaliza seu tempo com a imagem de descumpridor de leis.

Essa fora a imagem lavrada pela imprensa brasileira sobre as ações resistências escravistas que buscavam através do resistir; chamar a atenção para aquilo que com a lei do ventre livre tornou-se mais forte; e desencadeou uma ideia e concepção de que todos deveriam ser livres independente de sexo ou idade; plantando, assim nesses agentes históricos o sentimento de organização e capacitação estratégica para manter-se firme a causa, e de com suas atitudes passar a ser ‘ser’ e não ‘coisa’; tornar-se parte de uma sociedade que no século XIX; já ganhará grandes proporções de sua etnia na nova terra chegando a alcançar uma demanda tão grande que já poderia ultrapassar a população branca

É a partir da perspectiva de ser livre que as violências são incentivadas, pois era preciso mostrar como indignados estavam com sua situação que os levaram das suplicas as reações daquilo que faziam diariamente, ser escravo já não cabia mais no ser do negro e o jornais foram veículo de manipulação dos senhores de posse para sobressair da situação que se instalará a partir da promulgação da lei do ventre livre em 28 de setembro de 1871, a noção de ser livre toma grandes proporções a ponto de descontrolar o sistema escravocrata.

Então os senhores usam os meios de Comunicação para degradar a imagem do escravo o tornando marginal, ilegal, desordenador daquilo que os brancos pregavam em prol de sua hierarquia.

Os anúncios sempre vinham com um adjetivo que retratava aquilo que os dotados de posse queriam que se pensasse dos escravos fugidos, e os governadores de província confirma a cada relatório, que o fugido é um bandido a ser punido, mas não é punido por ser bandido e sim por ter resistido aos mandos dos seus senhores, vejamos a seguir um exemplo destes.

‘Quadrilha’ de quilombolas estão novamente no município de Divina Pastora realizando depredações e como deixam aterrorizados a população e pede que a polícia tome providencias (Jornal, A Liberdade- 16 de fevereiro de 1874).

Neste anúncio podemos ver que os escravos fugidos são apresentados como bandidos, como se os crimes de meliantes a margem da lei fossem iguais, deixam de colocar em vista que o escravo foi obrigado a comportasse assim se quisesse direto a liberdade.

É notório que o item indicado por ‘quadrilha’ torna o ato bem criminoso essa ideia de que os fugidos saem de um patamar de reivindicadores para bandidos, nunca é colocado como uma reação às formas sistêmicas implantadas no Brasil; onde o uso de mão –de –obra escrava tornou-se fundamental a sustentação da economia açucareira e, por conseguinte; sustentadora de várias outras culturas em que o cativo realizará a parte mais pesadas das etapas.

No Jornal o Maroinense - 16 de maio de 1886, informa que em um edificio em frente à igreja boa hora, grupo de desocupados realizam roubos de senhores e os mesmos pedem que a polícia se encarreguem de retirar das ruas os meliantes.

Refere-se a grupos de escravos em cidades que aqui se valem de locais abandonados para concentra-se, sua imagem como sempre é cotada como negros ‘desocupados’, os fugidos

nunca mais teriam seus nomes associados a um ato bom ou de ao menos serem bons servos, depois da fuga estes se transformavam em rebeldes descumpridores de deveres e descumpridores das leis.

A imagem formada a partir dos periódicos do século XIX servirá de alavanca para os senhores de engenho; para reter os seus fugidos para que este não alcance longas fronteiras.

‘Valente’, ‘bandidos’, ‘corjas’, ‘quadrilhas’, ‘malfeitores’, ‘desorganizadores’, ‘ladrão’, ‘infelizes’, ‘criminosos’, ‘terrível’, ‘farriporas’ São algumas das denominações dadas para o escravo rebelde independente da condição que tenha resistido sendo a fuga a mais grave e mais prejudicial ao proprietário destes escravos.

Estas nomenclaturas forjaram a opinião da população sobre como se ver o fugido, não como um ser humano lutando por suas convicções e sim de um bandido sem escrúpulos que é capaz de qualquer coisa para diversos fins. Mas não era isso que os fugidos e rebeldes queriam, queriam obter um bem que devia ser comum a qualquer cidadão que contribui a pátria que está assentado já que foram obrigados pelo tráfico negreiro a estarem em um lugar que não é o seu, e para aqueles que nasceram no Brasil o desenvolvimento do sonho de ser livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a escravidão em Sergipe fora marcante local e nacionalmente, pois como grande parte das populações cativas se aglomeraram no Nordeste por aqui está grande parte das manufaturas açucareiras; possibilitou que o Estado participasse desse processo que ajudou em um processo que direcionou os dirigentes imperiais a acatar a liberdade escrava no Brasil em 1888.

A partir das análises feitas dos anos (1870-1888) podemos perceber como os escravos contribuíram para disseminar as perspectivas sobre a lei áurea, pois sabemos que esta não fora um ato beneficente, e sim inevitável, pois a rebeldia escrava estava de tal ponto disseminada que se tornará o problema do século XIX, e a lei do ventre livre; em 28 de setembro de 1871; veio a corroborar a implantar da ideia de liberdade na cabeça dos escravos; o pensamento que todos deveriam ser livres independente de idade, sexo ou condições de nascimento e que os senhores não os deixavam ir por que não queriam foi desencadeando o sentimento de raiva indignação e violência.

Os jornais entram como veículo importante na divulgação; tanto da lei do ventre livre; como das ações rebeldes realizadas pelos cativos que tomando consciência de sua posição na sociedade; nega-se a viver sob condições degradantes em senzalas e ao trabalho desgastante nas lavouras, isso os leva a decernir sobre o que é ser, 'ser' de 'objeto'; uma 'mercadoria' como era tratada nos bastidores das grandes fazendas.

As fugas, os quilombos que foram as mais típicas formas resistências do século XIX, possibilitou que os escravos tivessem uma vivência fora do sistema escravocrata; desejando nunca mais ser presos a essa forma de vida, e as violências realizadas contra pessoas dessa sociedade pelos cativos em grande parte; foram consequência daquilo que o homem branco cria quando domina o negro desde sua saída à chegada na nova terra, trazendo o progresso consigo, mais também a insatisfação e sofrimento para os povos Africanos e aos seus descendentes; que não escapam das armadilhas estabelecidas pela escravidão e do tráfico de humanos; são consequências das senzalas, e as chibatadas que feriram até a morte quando não os deformaram fisicamente com castigos horrorizantes que os liquidavam de sua perfeição humana.

A contribuição dos jornais nessa jornada, não é só pela divulgação da notícia, como também; acaba compartilhando com um processo de forja de imagem do fugido, do rebelde, seja em qualquer forma resistencial, divulgando o medo, a insatisfação, o horror e o transformando os escravos fugidos em bandidos, malfeitores, corjas, e em fator problema para o século XIX.

Tanto para a sociedade sergipana como para os governadores de províncias, os fugidos foram marcados pelas manipulações de informações que transmitiam, nem sempre toda a verdade sobre os acontecimentos; enfatizando o ato propriamente dito; sem sequer estabelecer as circunstâncias para cada final trágico praticado pelo rebelde; sem preocupação de investigar a realidade e os fatores contribuintes para os desenlaces das ações escravas.

O período estudado vem trazendo consigo o ar de formador de opiniões; é bem notório que só a o homem branco expõem seu lado; o de lesado pela desordem, pela desobediência, tornando a argumentação para os rebeldes a face errônea do discurso que a hierarquia tradicional transformou em longos percursos desde que o Brasil foi colocado em mapa. Assim, em suas páginas fora expresso a vontade do senhor de engenho que se utilizou

dele para reconfirmar seu direito de posse sobre os seus fugidos; quando através do mesmo requereu status de propriedade e falou-se aquilo que se pensava ser o certo.

Por isso, é preciso galgar localizar dentro desses aspectos trazidos pelas fontes jornalísticas as verdadeiras faces das relações sociais, seja em âmbito econômico, cultural, estatísticos com seus censos e levantamentos desses desfavorecidos pelo fator cor, que sabemos que foi a verdadeiro foco de se escravizar o africano, o transformando-o em uma mercadoria análoga a qualquer bugiganga, mais valiosas para o sistema implantado pelo desenvolvimento capitalista que se ascende naquele momento, é necessário não se esquecer de como essas rebeldias transformaram o modo de ver o escravo e como só a partir da imposição do cativo a sua condição viabilizaram a abertura para a liberdade.

A rebeldia foi um fator importante para que os governadores de províncias pudessem falar a cora sobre a força resistencial escrava, a partir dessas atitudes foi se dissipando no âmbito nacional a informação que o escravo já não mais obedecia mesmo sobre ameaças, o medo termina com as promulgações e censos, o cativo vê-se como agente participante e não coadjuvante de um processo que nem eles até então têm consciência; mais que nós hoje podemos classifica-o como: Processo Libertador.

REFERÊNCIAS

FONTES

JORNAL: A FRATERNIDADE: JORNAL MAÇÔNICO – 05 de março de 1875- Nº do Documento 8, Notícia, p. 1-questao de liberdade. DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU – 23 de abril de 1872, número do documento-265, noticiário- pág. 4 – Escravos fugidos, última página HI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU – 15 de junho 1872, anúncios - pág. 4 – Escravos fugidos 100:00, dentro. DHI-UFS.

JORNAL O HORIZONTE – 11 de outubro de 1885, nº do documento-18, noticiário, p. 2 – capturado escravo, dentro, IHGSE.

JORNAL, O LARANJEIRENSE – 12 de fevereiro de 1883, noticiário, p. 1-revolta de escravos, capa HI-UFS.

JORNAL O LARANJEIRENSE- 1 de janeiro de 1888, nº do documento-51, notícia, p. 2- nº serei PDF 1001, dentro-DHI-UFS

JORNAL DO ARACAJU –21 de março de 1872, número do documento -253, noticiário- pág. 3 – Escravo fugido, dentro-penúltima pagina DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU – 23 de março 1872, nº do documento- 254, noticiário- pág. 3 – Escrava fugida, dentro- última página, DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU – 23 de março 1872, nº do documento- 254, noticiário- pág. 3 – Escrava fugida, dentro- última página. DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU –30 de agosto de 1873, nº do documento 407, anúncios - pág. 4 – Escravo fugido, dentro- última página. DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU –14 de maio de 1873, nº do documento376, noticiários - pág. 2 – Quilombolas, dentro). DHI-UFS

JORNAL DO ARACAJU –19 de março1873, nº do documento-361, noticiários - pág.2 – quilombolas, dentro. DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU –30 de março de 1873, nº do documento- 364noticiários - pág. 1 – Captura importante, capa. DHI-UFS.

JORNAL O RAIO- 10 de julho de 1870, Nº do Documento-147; Anúncios, p 4-escravo fugido, Última página-DHI-UFS.

JORNAL A LIBERDADE- 16 de fevereiro de 1874, nº do documento-43, Gazetinha, p. 1- quilombolas, capa-DHI-UFS.

JORNAL O DESCRIDO- 18 de agosto de 1882, nº do documento-21, Capa-DHI-UFS

SERGIPE (PROVÍNCIA PRESIDENTE (LUIZ FLORES D’AZEVEDO MACEDO) RELATÓRIO – 4 de março de 1872, número do documento- u 1069, segurança individual e de propriedade, p5. - relatório, Center For Research Libraries: Global Resources Network Provincial Presidential (1830-1890) Sergipe.

SERGIPE (PROVÍNCIA PRESIDENTE (LUIZ FLORES D’AZEVEDO MACEDO) RELATÓRIO – 4 de março de 1872, nº do documento - u1069, relatório, p. 9, Center For Research Libraries: Global Resources Network Provincial Presidential (1830-1890) Sergipe.

SERGIPE (PROVÍNCIA PRESIDENTE (LUIZ FLORES D’AZEVEDO MACEDO) RELATÓRIO – 5 DE SETEMBRO DE 1872, nº do documento-u 1217, Relatório, p10.- Tranquilidade Pública, Segurança Individual e de Propriedade/Polícia, Center For Research Libraries: Global Resources Network Provincial Presidential (1830-1930) Sergipe.

JORNAL O LARANGEIRENSE- 12 de fevereiro de 1888, nº do documento-50, noticiários, p.1 – suicídio nº do PDF 1009, capa-DHI-UFS.

JORNAL O MAROINENSE - 16 de maio de 1886, Nº do Documento-14, Notícia, p. 3- pedido justo, Dentro-DHI-UFS.

JORNAL DO ARACAJU – 11 de novembro de 1871, Nº do Documento-214, Anúncios, p. 4- escrava fugida, ultima pagina-IHGSE.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria da Gloria Santana de. **‘NORDESTE AÇUCAREIRO: DESAFIOS DO VIR-A-SER CAPITALISTA’**. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe/ Banese, 1993. 362p.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **‘PELOS MATOS E SENZALAS: MOVIMENTO QUILOMBOLA**. *In: A Diáspora Negra em Questão: Identidade e Diversidades Étnico-raciais’*. Domingues, Petrônio, NEVES, Paulo S.C. Sergipe: Editora UFS.

FERNANDES, Florestan. **‘SIGNIFICADO DO PROTESTO NEGRO’**. São Paulo, Ed. Autores Associados, 1989.

GENNARI, Emilio. **‘EM BUSCA DA LIBERDADE: TRAÇOS DAS LUTAS ESCRAVAS NO BRASIL’**. Editora. Popular, 1ªEd. São Paulo, 2008.

GUIMARAES, Carlos Magno. **‘A NEGAÇÃO DA ORDEM ESCRAVISA: Quilombos em Minas Gerais no Século XVIII’**. Ed. Ícone, São Paulo, 1998.

MARCON, Frank, SILVA, Aline Ferreira da, BEZERRA, Daniela Moura, SILVA, Williams Souza. **‘MOBILIDADES AFRICANAS EM SERGIPE: DISCURSO E PRÁTICAS DE SOLIDARIEDADE E DIFERENÇAS’**. *In: A Diáspora Negra em Questão: Identidade e Diversidades Étnico-raciais’*. Domingues, Petrônio, NEVES, Paulo S.C. Sergipe: Editora UFS.

MOURA, Clóvis. **‘OS QUILOMBOS E A REBELIÃO NEGRA’**. São Paulo, Ed. Brasiliense s.a.1981.

MOURA, Clovis. **‘QUILOMBOS: RESISTENCIA AO ESCRAVISMO’**. São Paulo; editora Ática; 1987.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **‘ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL’**, Editora. Ática S.A, S Paulo,1987.

REIS, Joao José; Silva, Eduardo. **‘NEGOCIAÇÃO E CONFLITO: A RESITENCIA NEGRA NO BRASIL ESCRAVISTA’**. São Paulo, Ed., companhia das letras,1989.

REIS, Joao Jose, gomes, Flávio dos santos, carvalho Marcus, j. m **‘O ALUFÁ RUFINO. TRAFICO, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO ATLÂNTICO NEGRO C1882-C.1853’**. Companhia das letras. São Paulo. 2010.

SANTOS, Lourival Santana. **‘NEGROS E BRANCOS: UMA PEDAGOGIA DA VIOLÊNCIA’**. *In: A Diáspora Negra em Questão: Identidade e Diversidades Étnico-raciais’*. Domingues, Petrônio, NEVES, Paulo S.C. Sergipe: Editora UFS.